

Alberto Nepomuceno (1865–1920)

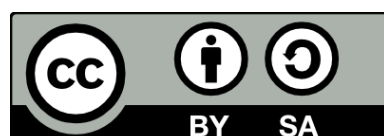
Dolor supremus (1901)

Texto: Osório Duque Estrada

Editoração: Thiago Rocha

voz, orquestra
(*voice, orchestra*)

12 p.



MUSICA BRASILIS

Dolor supremus

Poesia de
Osório Duque Estrada

Alberto Nepomuceno

§

Flauta

Oboé

Clarinetas 1-2 em Si \flat

Fagotes 1-2

Trompas 1-2 em Fá

Canto

Aos co-ra-ções que vi-vem na amar-gu-ra Ou-

Violino I

Violino II

Viola

Violoncelo

Contrabaixo

p *pp* *pp* *pp* *pp*

7

Fl

Ob

Cl

Fag

Tpa 1-2

Cto

Vln I

Vln II

Vla

Vlc

Ctb

p

mf

mf

mf

f

dim.

f

dim.

f

dim.

f

dim.

f

dim.

vi di - zer mais de_u - ma - vez: O_a - mor é das

14

Fl

Ob

Cl

Fag

Tpa 1-2

Cto
noi - tes a noi - te mais es - cu - ra das do - res to - das a su - pre - ma

Vln I

Vln II

Vla

Vlc

Ctb

21

Fl

Ob

Cl

Fag

Tpa 1-2

Cto
dor. E eu a o - lhei - a mi - sé - ria con - tem - plan - do

Vln I

Vln II

Vla

Vlc

Ctb

pp

pp

pp

pp

pp

27

Fl

Ob

Cl

Fag

Tpa 1-2

Cto

Vln I

Vln II

Vla

Vlc

Ctb

cresc.

cresc.

cresc.

cresc.

cresc.

cresc.

cresc.

cresc.

cresc.

cresc.

A mim mes - mo sor - rin - do per - gun - ta - va:

a2

32

Fl
f *sf* *sf*

Ob
f *sf* *sf*

Cl
f

Fag
f

Tpa 1-2
f

Cto
"Quan-do o a-cha-rás tam-bém, mi-nh'al-ma, quan-do do seu po -

Vln I
f *sf*

Vln II
f *sf*

Vla
f *sf*

Vlc
f *sf*

Ctb
f

35 D.S. al Coda

Fl

Ob

Cl a2

Fag

Tpa 1-2

Cto
der hás de ca - ir es - cra - va?"

Vln I

Vln II

Vla

Vlc

Ctb

38 \emptyset

Fl

Ob

Cl

Fag

Tpa 1-2

Cto

Vln I

Vln II

Vla

Vlc

Ctb

dor. Bus - quei na_au - sên - cia_o bál - sa-mo do té - dio

non div.

pp

pp

pp

pp

pp

pp

espressivo

43

Fl

Ob

Cl

Fag

Tpa 1-2

Cto

Vln I

Vln II

Vla

Vlc

Ctb

Con - so - lo_à má - goa le - ni - ti - va_ao pran - to E pi -

48

Fl

Ob

Cl

Fag

Tpa 1-2

Cto

Vln I

Vln II

Vla

Vlc

Ctb

or do que_o mal foi o re - mé - dio, Que_eu não su - pu - nha que_a-mar - gas - se

f *sf* *f* *sf* *f* *sf* *f* *sf* *f* *sf* *f* *sf*

51

Fl

Ob

Cl

Fag

Tpa 1-2

Cto

Vln I

Vln II

Vla

Vlc

Ctb

pp

mf

p

pp

p

pp

p

p

tan - to.

Dolor supremus

Aos corações que vivem na amargura
Ouvi dizer mais de uma vez: "O amor
é das noites a noite mais escura,
Das dores todas a suprema dor."

E eu a alheia miséria contemplando,
A mim mesmo sorrindo perguntava:
"Quando o acharás também, minh'alma, quando
do seu poder hás de cair escrava?"

Mas quando nem supunha certamente
Que pudesse ser presa desse mal,
Feriu-me o peito inesperadamente
A mesma dor insólita e brutal.

Busquei na ausência o bálsamo do tédio
Consolo à mágoa lenitivo ao pranto
E pior do que o mal foi o remédio,
Que eu não supunha que amargasse tanto.